

MÚLTIPLAS LINGUAGENS DE MENINOS MENINAS NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

**Márcia Gobbi¹-
mgobbi@usp.br**

Desde que nascem as crianças estão mergulhadas em contextos sociais diversos que lhes apresentam aromas, sons, cores, formas, texturas, gestos, choros e variadas manifestações culturais e expressivas que, em profusão, anunciam o mundo.

Sabe-se que a infância é uma construção social e histórica. Neste período da vida, meninos e meninas são considerados sujeitos históricos e de direitos, o que constitui formas de estar no mundo manifestas nas relações e práticas diárias por elas vivenciadas, experimentando a cada instante suas brincadeiras, invenções, fantasias, desejos que lhes permitem construir sentidos e culturas das quais fazem parte permitindo-nos afirmar que são ativos, capazes, com saberes diversos, que se manifestam com riqueza demonstrando suas capacidades de compreender e expressar o mundo.

Crianças brincam individual ou coletivamente e neste ato experimentam e descobrem a vida que pulsa em diferentes ritmos a partir das linguagens com as quais aprendem a relacionar-se com os outros: trata-se da extraordinária capacidade em provar a vida de modo intenso, com tudo o que isso envolve, tais como, confrontos, tristezas, alegrias, amizades, tensões. Capazes que as crianças são de materializar suas idéias, ainda que tantas vezes incompreensíveis aos adultos, os pequenos exibem amplo interesse sobre todas as coisas, estendendo um amplo espectro que vai das questões sobre a natureza humana àquelas voltadas para demais aspectos da vida. As idéias das crianças, quando ouvidas, nos mostram que “um mais um pode ser muito mais que dois”, como ensinam alguns artistas ou mesmo que é possível formular conhecimentos e saberes muito além das linguagens verbais ou escritas. Essas crianças altamente capazes e desejosas de expressar-se utilizam diferentes linguagens, contudo, não são raras as ocasiões em que encontram certa resistência às suas manifestações expressivas (desenhos, pinturas, esculturas, dança), nem sempre compreendidas pelas instituições pré-escolares ou creches que freqüentam. O espaço da padronização nem sempre reconhece como direito as expressões das crianças. Afinal, como trabalhar objetivando garantir as criações de meninos e meninas? Como contrapor-se aos espaços cerceadores das capacidades criativas das crianças? Como incentivá-las a explorar os ambientes e expressarem-se com palavras, gestos, danças, desenhos, teatro, música, sem recriminar os choros e o aparente excesso de movimentos? Há nisso um grande desafio a ser enfrentado quando se quer construir uma educação infantil de qualidade e que respeite seus direitos.

Sabemos que as crianças expressam-se utilizando várias linguagens, com as quais constroem a si mesmas e as culturas nas quais estão inseridas levando-as ao encontro entre palavras, choros, sons, movimentos, traçados, pinturas, todos imbricados em ricas manifestações, mas que, por vezes, encontra-se enfraquecida no cotidiano infantil devido à ausência de propostas, que mesmo simples, procurem garantir processos de criação em que os questionamentos, a busca criativa por diferentes materiais, o respeito pelo trabalho individual e coletivo, estejam presentes. Cabe aos adultos, junto com seus pares e as crianças, criarem espaços no cotidiano de creches e pré-escolas em que as manifestações infantis estejam presentes sendo compreendidas

¹ Professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Departamento de Metodologia de Ensino e Educação Comparada.

em sua inteireza, não se deixando conduzir apenas pela linguagem verbal ou escrita desconsiderando demais formas expressivas.

Conicionados a pensar nas linguagens sempre relacionadas à fala deixa-se de pensar nelas associadas ao movimento, ao desenho, a dramatização, a brincadeira, a fotografia, a música, a dança, ao gesto, ao choro. Contudo, muitos ficam surpresos com a riqueza das manifestações expressivas, chegam a espantar-se quando vêem as crianças que se maravilham e descobrem coisas do cotidiano, tais como, entreter-se com seus traçados na dinâmica tão rápida do dia-a-dia, envolvendo-se com seus corpos que giram e criam coreografias ao tocar de uma música ou mesmo nos sons produzidos pelos talheres no momento das refeições. Basta estar disposto a olhar e estar atento a esse universo rico de propósitos que reclama ser compreendido.

Freqüentemente o termo “linguagem” é relacionado estritamente à linguagem verbal e escrita e, por vezes, lhe é dado peso tão grande que chega a inibir a curiosidade por conhecer outras manifestações expressivas dos seres humanos, sobretudo quando têm pouca idade. Adultos, tantas vezes, concebem a si mesmos como seres acabados, resultando disso olhares espessos, enrijecidos e pouco estimulados a ver as realidades multifacetadas que se apresentam em profusão diante de todos.

Explorar e conhecer linguagens utilizadas pelas crianças para expressarem-se, bem como, aquelas usadas pelos adultos, significa estar junto com elas e perceber suas características de acordo com gênero, classe social, etnia, faixa etária a qual pertencem. Quem são mesmo? Estão em constantes e profundas relações com seus pares de idades iguais e diferentes em confrontos de idéias e negociações que geram criações coletivas e individuais. Para os adultos implica, a partir das incertezas - também proveitosas -, buscar a garantia de que diferentes pontos de vista sejam compreendidos, e que a escuta e o diálogo permaneçam presentes constantemente nos espaços de educação e cuidado destinados a primeira infância. As manifestações languageiras das crianças e dos artistas convidam a reorganizar o mundo e experimentá-lo em outras versões, mediados pelos corpos que se mexem, que nem sempre falam com palavras e letras, mas que tanto dizem, provocando a conhecer o desconhecido ao mesmo tempo em que se constroem outros lugares de experiências, estranhando e conhecendo a todo instante.

O trabalho que considere as diferentes linguagens das crianças implica, além de elaborar, para elas e com elas, ricos ambientes contendo materiais diversos, que se garanta também a aproximação da arte em suas formas: teatro, cinema, dança, exposições, literatura, música ampliando e reivindicando o direito às manifestações artístico-culturais além do contexto escolar, transpondo-o de modo corrente e constante. Para tanto, no decorrer desse texto procura-se apresentar idéias, não apenas de práticas pedagógicas. Mais que ensinar a fazer, tem como propósito provocar a pesquisa em diversos meios de informação para ensejar práticas enriquecidas junto às crianças em um constante e necessário processo de formação docente que respeite os direitos das crianças.

Para estabelecermos um diálogo voltado para as múltiplas linguagens na educação infantil, serão considerados os artigos 6º e 9º das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil, nos aspectos relacionados à promoção das experiências expressivas de meninos e meninas no que tange a interação com a música, as artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura. Reclama-se aqui, aproximar as crianças de formas artísticas em diferentes espaços de criação, além dos escolares, a serem experienciados por professores, colegas, pais, independente da condição social e cultural a qual pertençam e de modo igualitário.

Boa leitura e que a mesma gere reflexões sobre as práticas docentes contribuindo para que as crianças vivam e expressem o mundo rica e plenamente.

DIRETRIZES CURRICULARES

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil - (Resolução Nº 5, DE 17 DE Dezembro de 2009), as propostas pedagógicas da educação infantil devem respeitar princípios estéticos, voltando-se para diferentes manifestações artísticas e culturais que considerem a diversidade cultural, religiosa, étnica, econômica e social do país.

A dimensão lúdica e a dimensão estética são condições fundamentais para a formação humana. A associação da dimensão lúdica às demais atividades expressivas das crianças tem encontrado seu fundamento quando se destaca a expressão de sentimentos, invenções, imaginação, bem como, o desenvolvimento da sensibilidade, concebida como capacidade para sentir, procurar e exteriorizar sensações, o que por vezes, são roubados das crianças, quando se tem os espaços das creches e pré-escolas organizados de modo empobrecedor. A sensibilidade tem um papel importante quando pensamos na construção de nossas concepções de mundo e sobre o mundo, incidindo no modo como o projetamos e o construímos.

É importante que as crianças tenham oportunidade para debater, expor suas idéias, argumentar, criticar, relacionar-se com os outros e com isso conhecer formas antigas e inventar novos modos de representar o mundo, bem como, criar espaços de favorecimento às expressões de suas idéias e a materialização das mesmas, pelas crianças, sendo consideradas como sujeitos que constroem seu crescimento nas constantes relações com os outros e o meio social, histórico, cultural no qual estão inseridas. Trabalhando em estado de cumplicidade construída a cada gesto ou propostas feitos por ambas as partes, - professores (as) e crianças – temos a criação de jornadas a serem trilhadas conjuntamente buscando a sensibilidade, a criação e a fantasia. As manifestações expressivas e artísticas não precisam ficar concentradas num único dia ou curto período de tempo cronometrado, mas ganhar espaços cada vez maiores, esparramando-se no dia-a-dia de adultos e crianças de forma a provocar estranhamentos. Para isso, importa partir de algumas premissas: incentivar a curiosidade e a exploração; garantir experimentos que considerem a plurisensorialidade; garantir às crianças a comunicação por diferentes linguagens, o protagonismo e o prazer em descobertas com seus pares de idades iguais e diferentes nos desafios com os quais se defrontam.

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular na educação da primeira infância devem reconhecer e promover a imersão das crianças em diferentes linguagens e favorecer o domínio paulatino de vários gêneros e formas de expressão, bem como vivências com outras crianças e grupos culturais.

Pertencer a um determinado espaço (creche ou pré, bairro, cidade, país) relaciona-se a identidade cultural que, por sua vez, remete a aspectos de nossas identidades construídas coletivamente. Vão construindo identificações, ao mesmo tempo em que se distinguem dos demais. Assim, a identidade e a alteridade, a semelhança e a diferença marcam o sentimento de pertencer ao todo. É importante garantir ambientes em que sejam respeitadas as especificidades das crianças na educação infantil, bem como, dos saberes que elas portam quando chegam às creches e pré-escolas e aqueles que constroem durante o tempo de permanência nesses espaços. As creches e pré-escolas constituem-se também como lugares em que o valor cultural e artístico dos diferentes grupos sociais estão presentificados na forma como o espaço é organizado, em materiais com os quais as crianças brincam e criam desenhos, esculturas, danças, pinturas cotidianamente.

As culturas são construídas nas relações estabelecidas com os outros de idades iguais ou diferentes, criando universos que, embora submetidos ao mundo globalizado, permite ver o panorama cultural brasileiro e observar seus encontros étnicos, estéticos,

de gênero e étnicos que provocam diversas criações, chamam à participação e podem integrar as comunidades, as famílias e unidades educacionais. Pode-se dizer que há estéticas brasileiras reclamando ser consideradas nesses espaços escolares desde a pequena infância. Os diferentes grupos indígenas, os quilombolas, os centros urbanos, o meio rural, para citar alguns grupos culturais e sociais, guardam em si manifestações culturais e estéticas, que embora presentes em nosso cotidiano, poucos as conhecem ou vêem, sucumbidos que somos pelas mídias que nos impõe padrões de beleza, de modos de comportamento e de pensar, roubando a capacidade de olhar para o diverso que se encontra diante de nós e aprender com isso.

É importante se propor a conhecer as crianças com as quais se lida diariamente em nossa prática profissional, afinal, quem são elas? Quem são, o que pensam e o que criam e vivenciam suas famílias? Como passaram a habitar o bairro em que a creche ou a pré-escola estão situadas? Por que receberam seus nomes e quais as origens dos mesmos? Quais músicas ouvem? O que dançam? As histórias contadas por eles, sobre suas vidas, seus gostos pessoais – de crianças e suas famílias – guardam semelhanças com as da professora? Trata-se de perguntas importantes que podemos nos fazer cotidianamente.

As crianças não podem ser colocadas fora disso, sem construir olhares plurais para aquilo que constroem e o que recebem como manifestações da cultura brasileira, sob pena de que a diversidade cultural seja dissipada do cotidiano infantil no interior das unidades educacionais. Para tanto, fotografar e gravar suas histórias e documentá-las como elementos da memória da infância e das famílias guardando-as posteriormente em um acervo é ter o registro de práticas sociais e culturais variadas e com elas aprender. Para isso, é possível criar cordéis, engenhocas, gravuras, danças, objetos com os quais dançar, personagens, bonecos.

Para que a interação das crianças com as manifestações artísticas e culturais seja promovida é necessário nos interrogarmos sobre a formação estética dos professores que cuidam e educam na educação infantil. É importante considerarmos a dimensão estética na vida e na formação dos docentes que atuam com crianças.

Em quais contextos sociais e culturais nos nutrimos em artes? Onde? Criar percepções particulares para os objetos que o mundo apresenta é algo aprendido na relação com o outro. Desfrutar das manifestações artísticas possibilita o rompimento com o tempo do mundo do trabalho, a favor do tempo da brincadeira e dos processos criativos mais lentos. Para tanto envolver-se, recuperar a relação mais sensível com o mundo é um elemento importante quando se propõe que as crianças, com as quais diariamente se está e se aprende, interajam com diferentes formas de manifestações artísticas e culturais.

Frequentar cinemas, alugar filmes, ir ao teatro, museus, ter acesso a vários gêneros literários (contos, romances, poesia), assistir a espetáculos de dança, seja nos teatros ou de rua, são atos, senão criadores em si, mas que colaboram com a criação para e com as crianças. É importante entrar em sintonia com o tempo, com a história e a cultura, o desejo por aprender e pesquisar é uma mola provocadora de mudanças nas práticas pedagógicas, bem como, das relações estabelecidas entre crianças e seus pares e destes com os adultos.

Nesse texto, há o desejo de se estabelecer um diálogo com os leitores e para tanto, estão situados diferentes aspectos das linguagens artísticas com as quais podemos nos familiarizar, apresentar contribuições, enriquecer o dia-a-dia daqueles que constroem a educação da primeira infância no país. Música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura foram aqui separados com uma pretensão didática sabendo que, sobretudo na primeira infância todas elas encontram-se juntas,

num só corpo, manifestando-se ricamente em situações coletivas ou individuais entre crianças de idades iguais ou diferentes, entre elas e as adultas. É certo que professores criam constantemente junto às crianças na dinâmica diária da profissão docente, aprendendo com elas, com a comunidade e em variados processos de formação pelos quais passa e de acordo com as particularidades culturais de cada região, ainda assim, seguem aqui algumas dicas para criação de materiais citados no corpo do texto e que podem ser utilizados por todos.

DESENHAR E PINTAR: As crianças desenham sobre diferentes bases e com diversos materiais. Os desenhos constituem-se como um jogo em que há narrativas, imaginações, inventividade que são mobilizadas pelo convite feito pelos suportes que são oferecidos ou encontrados pelas crianças. Através dos traçados procura-se conhecer, reconhecer-se e ser reconhecido. Eles incentivam a elaboração criativa constituindo assim pesquisas pessoais que são elaboradas pelas próprias crianças. Isso resulta em fontes documentais das marcas de si deixadas para a História tanto pessoal quanto coletiva.

Diferentes superfícies esperam silenciosamente que meninos e meninas decidam que rumos tomarão, que traços, que marcas deixarão sobre as áreas de diferentes texturas, formas, tamanhos, que ao serem investigadas pelas crianças ganham proporções ilimitadas. As crianças buscam possibilidades de desenhos entre danças, assobios, conversas, pensamentos quietos e inquietos, individual ou coletivamente, traduzidos em manchas ou riscos que adquirem inúmeras formas. Podemos questionar os desenhos das crianças a partir de observações rigorosas de seus próprios traçados: que coisa acontece quando um ponto começa a mover-se sobre as folhas? Como será uma linha calma ou agitada? Quando duas linhas se encontram o que acontece? O que as crianças manifestaram entre cores e formas, tantas vezes desconhecidas de nós adultas?

Muitas vezes os traçados das crianças ficam no imaginário adulto como sinônimo de algo que fere aos padrões estéticos vigentes, apresentando-se como feios ou caóticos. É ainda comum vê-los presentes em alguns momentos tendo como objetivo que a criança “descanse”, fique um tempo quietinha desenhando. Adquire dessa maneira uma conotação negativa: o desenho torna-se útil como elemento disciplinador, ao contrário de liberador de expressões. Tais desenhos carecem de uma maneira de vê-los mais profundamente sem procurar ordenar o caos, ou seja, sem a busca pela representação fiel da realidade, como tantas vezes fazemos, resultando em provocar nas crianças a necessidade de criar segundo prescrições adultas. É fundamental que transformemos a curiosidade em verbo conjugando-o diariamente. Então, para *curiosar* o mundo, importa que os espaços vividos cotidianamente pelos meninos e meninas ganhem *status* de provocadores de descobertas. Perde-se, cada vez mais, a capacidade de olhar e estranhar o objeto visto. Os desenhos das crianças podem ser considerados como metáforas visuais, formas de explicar abstrações tais como o amor, a alegria, o futuro, ou ainda de atribuir a uma coisa o nome de outra, com os traços e formas, às vezes inusitadas.

As crianças reescrevem a realidade em seus traços e cores. Dessa forma, estar com as crianças, observar, preparar junto com elas espaços privilegiados para se expressarem é algo fundamental que estamos aprendendo e temos que aprender ainda mais. Olhar detidamente seus desenhos pode, de certa maneira, desestabilizar práticas profissionais cuja preocupação encontra-se em pendurar nos varais as criações e nem mesmo dialogar com quem os fez, ou, ainda pior, colocá-los em saquinhos plásticos que emudecem criadores e obras, deixando-os dentro de armários. É imprescindível que

tenhamos diversos suportes para o desenho à disposição das crianças, com cores, texturas, formas de tamanhos diversos. Além dos lápis de cor, canetas hidrocor, giz de cera, o carvão, cacos de tijolos e pedras porosas, fios de barbante, nylon, cobre, conduites, são ótimos materiais para realizar os traçados e possibilitar que saltem do papel tornando-se tridimensionais.

Tintas variadas, compradas ou feitas na unidade educacional, comestíveis para os bebês, encorajam as lambuzagens tão caras a todos, delineando percursos de buscas pelas cores, pelas misturas, pelas formas, sem esquecer, que, entre os pequenos, o corpo é um dos suportes sobre os quais as tintas podem ser usadas criando novos modos de exploração e interação.

A criação de texturas proporciona descobertas interessantes pelas crianças. Podem ser feitas diretamente sobre as superfícies que se pretende caracterizar obtendo relevo ou traçados inusitados, basta sair à procura pelos espaços externos ou internos, tendo em punho papel sulfite, cartolinas, Kraft, tecidos ou outros e lápis, giz, cacos de telha ou tijolo. A professora pode determinar o tema a ser procurado ou mesmo deixá-los livremente “à caça de texturas”, é um divertimento associado às descobertas e conhecimento que podem ser seguidos de observações visuais e táteis das texturas, análises de suas características, observações dos percursos realizados, reflexões. Sem esquecer que tais descobertas são feitas por todos, independentemente da faixa etária, embora tenhamos que considerar os limites de cada um.

Os desenhos podem ser compreendidos como fontes documentais que nos informam sobre as crianças, sobre a infância em diferentes contextos sociais, históricos e culturais. No que se refere à criação de desenhos, quando nossas preocupações se voltam para uma perspectiva social, muitas perguntas podem ser feitas: de maneira geral há motivos artísticos mais predominantemente encontrados nos desenhos de um ou de outro? Há elementos que evidenciam cenas de um cotidiano vivido pelos meninos ou pelas meninas? Os riscos modificam-se ao longo do tempo? Ao serem conjugados à fala das crianças, os desenhos podem ser compreendidos de outras formas? Como os mesmos podem se oferecer de modo a se perceber narrativas do cotidiano e da imaginação próprias dessas crianças? Há diferenças étnicas perceptíveis? Formas de ocupação do espaço do suporte oferecido para desenhar? Quais as cores mais freqüentemente utilizadas para expressar pessoas brancas ou negras? Há o já famoso pedido do “lápis cor de pele” para pintar pessoas, indiferentemente, como se todas as pessoas tivessem a mesma cor de pele, denunciando preconceitos e padrões estéticos a serem seguidos? As composições do espaço do desenho são feitas de qual modo? Há diferenças entre os desenhos de crianças oriundas de camadas sociais diversas? Pode-se perceber a diversidade étnica? É possível perceber transformações históricas presentes em desenhos de diferentes épocas? É possível traçar uma história do desenho a partir de como eles são realizados?

Conhecer as manifestações artísticas de diferentes povos exige compreender, não só os códigos europeus e norte-americanos, mas também conhecer outros menos prestigiados, mas, essenciais tais como, as culturas afro-brasileiras, indígenas, feminina, homossexual, japonesas, etc. Tem-se no grafismo indígena e na arte de tecer e trançar, tão característicos entre os povos do Brasil, fontes inspiradoras para a formação e cultivo de olhares de nossas crianças, as cestarias e pinturas corporais são ricas em motivos que não podem passar despercebidos. Onde se encontram tais traçados? Há narrativas em suas formas e cores? As crianças podem produzir artefatos em teares feitos com papelões ou madeiras usadas e criar suas próprias tramas, bem como, realizar pinturas em seus corpos o que, além do prazer, pode proporcionar descobertas sobre o corpo e suas possibilidades.

Quanto aos desenhos, ainda vale lembrar que não se pode esperar que as crianças cresçam aproximando-se dos modelos e concepções estéticas dos adultos para os concebemos como belos e bons em sua complexidade. São também fontes históricas, que nos informam sobre as crianças, do ponto de vista de sua inserção em diferentes contextos e períodos da história. Vale lembrar que quando se guarda os desenhos pesquisas podem ser provocadas, tanto com as crianças, como entre as professoras. Investigações voltadas para se conhecer mais e melhor os traçados, a utilização de determinadas cores e formas pelas crianças desenhistas. É indispensável organizar situações nas quais propormos experiências prazerosas, instigantes, nas quais adultos e crianças possam expressar-se desenhando juntos, descobrindo esta dimensão perdida, talvez na própria infância, período da vida com o qual trabalham atualmente.

Sustentar uma cotidianidade do desenho não como forma avaliativa da criança e suas expressões, mas como direito a expressão que deve estar difusa, espalhada entre nós e em nós é essencial para as crianças em seu dia-a-dia.

Sugiro a seguir algumas atividades que relacionam desenho à outras linguagens.

TEAR MANUAL

Trata-se de um processo simples, do qual todos podem participar, sendo prazeroso e cujos resultados são muito interessantes. Para sua confecção serão necessários os seguintes materiais:

Um pedaço retangular de papel duro ou papelão, medindo 15cmX20cm, podendo ser maior.

Lãs ou linhas coloridas

Barbante fino

Os fios de barbante deverão ser passados em duas extremidades dos retângulos de papelão, semelhantes a cordas de violão. As lãs ou linhas, em cores diversas cruzam essas linhas formando uma trama fechada, para facilitar pode-se usar um instrumento como grampo para dar maior firmeza ao puxar os fios. Ao utilizar cores diversas o resultado será colorido, podendo se fazer desenhos simples, listras, dependendo da faixa etária da criança, assim como, ter retângulos maiores e criar coletivamente uma única peça. Para uma pesquisa mais aprofundada é importante conhecer alguns dos grupos indígenas: Apalai, kayapó-Xikrin, Xerente, Guaranis, Karajá, Ticuna, Kadiweu, entre outros.

GRAVURAS E BUMBA-MEU-BOI

a) **Gravuras:** para sua confecção serão necessários os seguintes materiais:

Placas pequenas de isopor fino – podem ser utilizadas bandejinhas de isopor compradas em lojas especializadas em embalagens ou recicladas após utilização doméstica

Pontas de canetas – fora de uso – ou goivas ou pontas de cliques

Tinta guache

Rolinhos pequenos de pintura

As gravuras são imagens obtidas por meio de uma matriz, que pode ser de madeira, pedra ou metal, nela são feitos entalhes ou impressões – qualquer tipo de desenho – pelas crianças individual ou coletivamente, deixando-se sulcos mais fundos, feitos com goivas, pontas de canetas ou cliques inutilizados. Após o término do desenho, com um rolinho molhado em tinta de qualquer cor, cobre-se a superfície sem deixar que a tinta

entre totalmente nos sulcos, sob pena de que encobertos não revelariam o desenho criado. Podem-se criar outros suportes tais como isopor, sabão. Ao ser colocado sobre tecidos ou papéis, se obtém a reprodução do desenho que deixará sua marca, pode-se fazer várias cópias sob o material desejado.

O cordelista e gravurista paraibano J.Borges, apresenta em suas gravuras e cordéis aspectos instigantes para que se conheça o Brasil, a partir de outros pontos de vista. A forma como os textos são apresentados em cordel, o tipo de poesia secular, ainda são pouco abordados entre as crianças, não compondo o cotidiano de creches e pré-escolas e suas práticas.

b) Bumba-meu-boi: Para confeccionar o bumba-meu-boi serão necessários os seguintes materiais:

Caixas de papelão de tamanhos variados, mas que sejam compatíveis com o tamanho de uma criança já que elas vestirão o “boi”, entrando nelas. As caixas podem ser usadas e adquiridas em supermercados ou lojas após o descarte.

Fitas coloridas de diversos tamanhos

Retalhos de tecidos

Cola branca ou cola quente

Lantejoulas, botões coloridos

Utilizando-se caixas de papelão vazias podem ser decoradas deixando-se o centro aberto, onde se abre e fecha a caixa, de forma que as crianças possam entrar nelas para dançar. Tecidos coloridos, chitas, flores, rendas, fitas, podem ser usadas na confecção do boi servindo para decorá-lo. Podem ser feitos bois pequenos e com eles as crianças brincarão uns com os outros inventando danças.

FOTOGRAFIA E CINEMA: Para além da possibilidade de se conversar com as crianças sobre as transformações de sua história a partir das fotografias pessoais, de família, dos amigos, que trazem registrados de passeios, festas e demais situações, as máquinas fotográficas ou celulares que possuem câmeras possibilitam realizar imagens que colaboram com as nossas capacidades de olhar a partir de pontos de vistas alternativos: dependendo de como são realizadas as fotos, obtemos mais detalhes sobre os objetos focados, descobrindo particularidades dificilmente vistas. Podemos nos colocar, junto às crianças, a observar variadas texturas, o que ocorre entre as formigas no parque da creche ou da pré-escola, os grãos de arroz no momento em que a refeição é servida, as paredes que delimitam as salas, as trilhas feitas na terra pelos insetos, os olhos, mãos e gestos dos amigos da turma, enfim, infinitas possibilidades de pesquisa nos ambientes vividos pelos meninos e meninas. Pode-se facultar às crianças junto com os adultos a composição de fotografias mediante a confecção de pinholes, que são máquinas feitas com latinhas de leite em pó, molho de tomate.

Ao serem guardadas as fotografias compõem coleções pouco comuns nos espaços educacionais. São imagens que registram o cotidiano na perspectiva da criança e, ainda mais, considerando sutilezas pouco exploradas e conhecidas por todos. A experimentação de materiais, instrumentos e técnicas, a observação da natureza, por exemplo, garantem a expansão dos conhecimentos plurissensoriais. Em aventuras pelos diferentes lugares habitados, nas pequenas e grandes cidades, as crianças, portando máquinas fotográficas podem sair pelas ruas, explorando espaços, para conhecer os lugares – de encontros, de lembranças, de amizades, de alimentação, de confrontos – para construir-se como pertencentes a eles, num exercício de percepção constante,

focado e presentes em suas lentes. Quais são suas escolhas? Quais aspectos do cotidiano foram explorados? Quais pessoas? São perguntas que podem caminhar conosco e que nos ajudam a olhar e aprender com as crianças sobre seus pontos de vista a cerca do cotidiano por elas vivido e construído. A fotografia pode ser vista então como ato de comunicação que, ao mesmo tempo distinta do cotidiano, o compõe e o exhibe, colocando-se e àqueles que a observam em diálogo.

Quanto ao cinema, compreendido aqui como linguagem e prática cultural em que temos as relações sociais, psíquicas, estéticas todas implicadas, o que se percebe é que nos últimos anos do século XX e início do XXI a infância tem sido considerada nos enredos, ocupando cineastas, telas de cinemas e prateleiras de locadoras, estas últimas, constituindo-se como importantes lugares para onde se pode ir objetivando descrystalizar coisas aprendidas e se propor a aprender outras novas. As experiências das crianças encontram no cinema lugar precioso para serem observadas e aprender com elas de muitos modos, a partir das inúmeras formas como são representadas, dando-lhes visibilidades diversas. Os contextos em que estão inseridas tornam-se conhecidos, com isso a pluralidade cultural, as formas de relação estabelecidas entre adultos e crianças e entre estes e os diferentes espaços escolares e sociais em que atuam. Está aí uma rica contribuição para a formação docente. Mas, e o cinema feito para as crianças? Como situar-se diante dos filmes infantis que ora são assistidos no cinema ora, alugados para serem vistos nas próprias creches e pré-escolas?

Em primeiro lugar, se tem experiências diferentes – assistir nas unidades educacionais e nas salas de cinema ou mesmo quando são projetados em praças públicas e isso deve ser considerado². Não se pode exigir das crianças o mesmo tipo de comportamento e relação. Ainda assim, deve-se tomar cuidado com a escolarização dessa forma de arte: os filmes não podem servir a funções avaliadoras, de transposição de conteúdos escolares, ainda que os mais simples, ou mesmo, como suporte moralizador da infância. Adotar uma postura crítica frente às obras a serem escolhidas é fundamental e se pensar que os corpos, que tanto reclamam liberdade de expressão em lugares amplos, têm que ser olhados com atenção, não se pode roubar o tempo das experiências corporais, da dança, dos ritmos, da busca pelo conhecimento, prendendo as crianças em cadeiras durante muito tempo.

Sabe-se que, entre outros aspectos, essas produções culturais também são responsáveis pela constituição das crianças no que toca ao gênero, aos valores, às relações com os familiares e colegas, enfim, ensinam sobre o mundo vivido, imaginado e provoca invenções e fantasias. Ao professor caberá cumplicidade, ao mesmo tempo em que mediará junto as crianças as relações entre elas e o filme assistido. O cinema é também uma maneira de propiciar experiências estéticas às crianças, observando isso, é imprescindível que o adulto considere, nos filmes, sua forma e conteúdo, linguagens utilizadas, o caráter da produção, já que se trata de uma forma de possibilitar compreensão de mundo e simultaneamente promover criações.

E a criança, pode criar? Precisa-se de materiais tais como filmadoras, ou celulares que filmem. Os desenhos criados pelas próprias crianças podem dar o tom para a elaboração coletiva de roteiros. Desenhos podem ser somados a outras linguagens em intensas pesquisas: escolher histórias e colocar amigos, massinhas ou somente desenhos, animando-os de modo bastante simples, considerando que raramente haverá a possibilidade de editar as imagens, não se trata de algo profissional evidentemente, mas

² Refiro-me a projetos veiculados a UFSCAR – ponto digital – que com o projeto de extensão chamado Cine São Roque promove a exibição de filmes em sessões fixas para a população do bairro Água Vermelha e ao projeto da cineasta Laís Bodansky que, desde 2005, promove em vários estados do país a exibição de filmes, circulando com um caminhão de onde projeta os filmes em praças.

de experiências de criação que envolvem muitas pessoas de todas as idades. O contexto do filme, que poderá ter uma curta duração, pode ser acordado entre todos: será um drama, uma comédia, relatar algum fato ocorrido na creche ou pré-escola, os bebês da creche podem participar com as crianças maiorzinhas contribuindo com o que tiverem e puderem. Para se criar uma sequência de movimentos, pode-se fazer inicialmente desenhos variados, semelhantes, como num *flip-book* e deixar as crianças brincarem com a ilusão de movimentos que é gerada à medida que as folhas do *flip-book* – livros em diferentes tamanhos, que ao serem manipulados página a página, bastante rapidamente fazem com que as imagens desenhadas ganhem movimento.

PINHOLES- MÁQUINAS FOTOGRÁFICAS COM LATAS USADAS

Trata-se de um processo simples, do qual todos podem participar, sendo prazeroso e cujos resultados são muito interessantes. Para sua confecção serão necessários alguns materiais que poderão ser usados por diversas vezes:

- Uma lata que tenha uma abertura com tampa, ou que possa ser fechada com papelão, do outro lado da lata fazer um furo que será tampado com fita isolante.
- Papel fotográfico branco
- Revelador
- Fixador
- Interruptor
- 3 bacias para revelação

Com o material você procederá do seguinte modo:

Recorte um quadrado de 6cm x 6cm de papel fotográfico. (Isto deve ser feito no escuro ou num quarto com luz vermelha muito fraca) e cole este papel na parte interna da tampa da lata de modo que a emulsão sensível (a parte branca do papel fotográfico) fique para o lado do furo. (isto deve ser feito em quarto escuro ou com luz vermelha fraca). Feche a lata com a tampa. Para que as fotos sejam tiradas basta levar a lata para um lugar claro, apontá-la para o que você desejar fotografar e fixar a máquina sobre algo que a deixe imóvel. (A máquina não pode balançar durante a operação). Focando o objeto tire a fita isolante por 20 segundos e deixe o burquinho da máquina focando-o, após, será necessário fechá-lo novamente e revelar o papel. Tudo deverá ser feito no escuro. Preparar bacias com os líquidos revelador, interruptor e fixador. Tirar o filme da máquina e mergulhá-lo no revelador por um minuto, já será possível ver as imagens aparecendo. Em seguida dois minutos no líquido interruptor e cinco minutos no fixador. Após todo o processo lavar em água corrente por alguns minutos. Se a foto ficar muito escura é devido a um longo período de exposição, com o furinho da lata aberto por muito tempo, são várias as experiências oriundas daí. Pode-se voltar ao local, fazer várias fotos, utilizar várias latinhas. Criar e ficar atento às imagens que resultam desses experimentos fotográficos dos quais as crianças, sem dúvida, poderão participar.

POESIA E LITERATURA: A poesia é um gênero literário, uma, entre as demais linguagens, que pode ser levada para o cotidiano de creches e pré-escolas provoca a refletir sobre expressões e sentimentos alheios e próprios. Quando as poesias encontram-se nesses espaços de educação e cuidado, intensifica-se o modo de produção inventivo, garantindo o encontro da palavra com o movimento, do som com a imagem, de conhecermos e criarmos textos percebendo não apenas o significado das palavras

utilizadas, mas que se brinque com seus ritmos, com sua sonoridade, com o aspecto visual, tal como os *haicais* que também podem ser construídos pelas crianças, em sínteses de seu pensamento, de sua concepção de mundo, ou melhor, extraíndo a essência do que vivencia no dia-a-dia. Trata-se de possibilitar, a partir da poesia, que seja atizada a imaginação das pessoas, libertá-las de uma mesmice rotineira, tantas vezes empobrecedora. Poesia e dança, música e imagens estão em conexão profunda, basta vê-las e perceber que é possível conhecer, ver e representar o mundo a partir de outras referências e repertórios, bem como tendo o livro como objeto de prazer para as crianças, com suas histórias que podem ser contadas freqüentemente em voz alta, alimentando seu imaginário.

A conexão entre a poesia e a produção plástica, pode ser feita à medida que alguns objetos e pinturas sugerem poesias e estas mobilizam produção de imagens. Aguçar a sensibilidade das crianças a partir de variadas modalidades, tais como: *outdoors*, páginas da *Internet*, receitas, aguçando-lhes a sensibilidade para a observação e a criação de poesia, que não obrigatoriamente precisa ser feita com palavras, ou seja, a criança não alfabetizada poderá brincar de fazer poesia ou somente ouvi-las, quando lidas pelas professoras. É bom prestar atenção ao ritmo do poema quando se lê. O ritmo faz perceber diferentes sons contidos nos versos, quais palavras aparecerem e o que sugerem a quem ouve e quais os efeitos sonoros produzidos.

Como dizia o poeta José Paulo Paes, *poesia é brincar com palavras como se brinca com bola, papagaio, pião* e complementava salientando que, enquanto tais objetos podem se desgastar, as palavras se revigoram ao serem usadas. É possível depreender dessas palavras que, nas creches e pré-escolas não daremos aulas sobre poesias, como num ensaio para a escrita. A poesia no mundo infantil deve vir tal qual brincadeira, sendo contada, vista e sentida poeticamente no cotidiano das crianças. Considerando isso, as poesias visuais, ainda não tão populares no Brasil, são importantes por se oferecerem como veículos que contém formas poéticas para além de palavras, ou seja, são formas de utilizar objetos, letras, para sintetizar idéias, sonhos, desejos. Essa poesia é feita com a utilização de vídeos, holografia, cartazes, cartões, computador. A imagem é bastante valorizada e se cruza com experimentos visuais resultando disso textos que comungam letras e outras imagens.

Ler as poesias para as crianças para que se familiarizem com essa linguagem é essencial. Não se trata de ensiná-las numa perspectiva antecipatória do contexto escolar das séries iniciais do ensino fundamental, mas aproximá-las de outra maneira de explicar e sentir o mundo, traduzida pelas poesias. A brincadeira com as palavras, sem o caráter obrigatório que lhe é conferido tantas vezes, sem que prevaleça a intenção da escrita, é provocadora de ricas criações infantis, do prazer pela leitura, do enriquecimento da imaginação, da fantasia e inventividade, tão necessárias e que constituem o humano no Homem.

Quanto a outros gêneros literários e a chamada literatura infantil temos que garantir que as histórias sejam contadas às crianças, fazendo-se presentes em suas vidas. Para isso, é necessário criticidade e sensibilidade. Vale lembrar que se trata de uma forma de se compreender o mundo e representá-lo. Quais os conteúdos presentes? O que os mesmos dizem quanto aos negros, indígenas, crianças, mulheres e homens nos textos escritos e imagéticos? Apresentam preconceitos? É importante retomar essa preocupação quando escolhemos livros para serem lidos para e com as crianças, ou, simplesmente para serem manuseados por elas.

Sugiro atividades a seguir que podem ser feitas com as crianças.

POESIAS

Adotando-se a idéia do poeta de que poesia é brincar com palavras sugere-se aqui que tais brincadeiras com letras e palavras não estão à disposição de um processo antecipado ou forçado de alfabetização das crianças.

- a) Brincar com os sons das palavras criando trocadilhos, rimas, aliteraões (que são repetições de fonemas idênticos ou parecidos no início de várias palavras na mesma frase ou verso, visando obter efeito estilístico na prosa poética e na poesia),
- b) Brincar com as palavras e letras tornando-as objetos, alterando o tamanho e o tipo das letras, associar imagens e letras, utilizando histórias em quadrinhos, cores diversas, cartazes. Pode se fazer móveis pequenos e espalhá-los por diferentes lugares das creches e pré-escolas ou gigantes, tais como cortinas poéticas, que se transformam em espaços nos quais as crianças entram, brincam, trocam letras, tocam, cheiram e até, em alguns casos, as comem, por que não?
- c) Brincar com os sentidos das palavras originárias de diferentes regiões ou países.

MÚSICA: a música como linguagem que é, organiza os signos sonoros no espaço e no tempo. Considerando que ela se constitui como um meio de orientar a reflexão do ouvinte sobre o mundo, pode-se afirmar que sua presença entre as crianças é fundamental para que as mesmas possam compreender e construir seu cotidiano e seu mundo a partir da linguagem sonora. As crianças estão envolvidas no universo sonoro desde tenra idade, alguns afirmam que desde a fase intra-uterina. Importa perguntar sobre quais experiências sonoras meninos e meninas estão expostos, já que muitas vezes fica reduzida a auxiliar na organização de atividades relacionadas à hora do lanche e higiene das crianças, ganhando aspectos de disciplinarização da infância. Como a música está presente em uma creche, com as crianças pequenininhas (de 0 a 3 anos)? Como as profissionais que cuidam delas entendem as manifestações e os movimentos realizados pelas crianças em relação aos sons e à música? As professoras estão atentas para ouvir o dia-a-dia?

As crianças pequenas realizam pesquisas sonoras, são verdadeiros cientistas dos sons, porque em busca de sua identidade e de identificar o ambiente onde vive, utilizam os sons com suas propriedades: altura, duração, intensidade e timbre, nas experimentações dos sons, por intermédio de suas brincadeiras, cantarola, assobia, balbucios, risos, batendo com os objetos, arrastando, gritando, emitindo os mais diferenciados sons em seus processos investigativos.

Sabe-se que a criança é um ser brincante e que a música é criada ao brincar, os sons, são transformados e recriam ambientes. É necessário que nossos ouvidos estejam atentos para perceber o modo como bebês e crianças maiorzinhas se expressam musicalmente em cada período de suas vidas. Estamos ainda habituados, no interior das creches e pré-escolas, ao trabalho com canções que apresentam versos em canções com valores morais e com refrões sugestivos de certos comportamentos, música entendida apenas como canção e não como som e melodia. Há aqueles que denominam muitas das músicas ouvidas pelas crianças de “musiquinhas”, num tom francamente pejorativo, porém revelador da maneira como meninos e meninas são concebidos e ainda mais, como são pensadas e realizadas as relações entre adultos e crianças em ambientes para a infância também no que toca às músicas e sons que, ao serem realizados pelas crianças, são ouvidos como barulhos, contrariando as regras do silêncio.

A canção é importante como brincadeira, como conhecimento cultural, como contato com o folclore brasileiro. No entanto, não podemos deixar de lado o contato com outros gêneros musicais, de outras culturas e, principalmente com os sons de todas

as partes do mundo, considerando também o que a criança porta advindo de seu contexto social, familiar, cultural.

Quais as paisagens sonoras, ou seja, sons, barulhos de panelas, de brincadeiras, de pássaros, falas entre as pessoas, presentes na creche e pré-escola? As crianças têm possibilidade de ouvi-los, percebê-los, relacionarem-se com esses sons, barulhos, músicas, estranhando e reconhecendo-os? Há momentos em que são privilegiadas as descobertas e construções sonoras? As crianças cantam? Inventam canções? Os objetos são transformados em instrumentos musicais? O que é feito para enriquecimento dessas práticas entre as crianças? Jogos, sonorização de histórias, escuta sonora, brincadeiras cantadas, percepção dos sons, barulhos, ruídos que compõem a creche ou pré-escola, são essenciais e podem constituir o tempo das crianças junto a outras linguagens e não como aula de música, o que tantas vezes é visto entre os pequenos.

MÚSICAS, SONS, BARULHOS

São muitas as idéias para se criar instrumentos sonoros, trabalho vocal com canto entre as crianças e pesquisas sonoras de modo a não tornarmos os espaços destinados a educação infantil meros reprodutores de músicas amplamente exploradas pelas mídias televisivas e rádios e podermos cultivar com elas um ouvido “pensante” e criador, e ambientes onde as músicas escolares cedam espaço para outros sons. Seguem aqui algumas sugestões, para quem sabe, serem criados ou reinventados instrumentos junto às crianças.

a) Chocalhos ou ganzás: com latinhas, potes de iogurtes ou de óleo de cozinha, colocando-se grãos de arroz, pedrinhas, feijão, conchinhas, botões podemos construir instrumentos simples com as crianças. É importante garantir a audição dos sons e propor estranhamento: o som do chocalho com arroz é igual ao som daquele que tem pedrinhas? Quando a quantidade é maior, algo muda?

b) Cortinas sonoras: Após conversas com as crianças podemos solicitar que tragam de suas casas objetos que produzam sons para a creche ou pré-escola. Podemos sugerir que sejam objetos utilizados quando eram ainda menores e, para aqueles que falam, contarem aspectos da história do objeto. Obtém-se com isso um diálogo entre a família e a creche e a pré-escola, para aqueles que não falam os pais podem escrever ou mesmo comparecer à creche para contar sobre o objeto sonoro. Depois disso, podemos juntamente com as crianças compor uma cortina, que ao ser tocada, produz os mais variados sons e evoca a curiosidade infantil, ao ser disponibilizada em corredores todos poderão usufruir da pesquisa sonora.

c) Gravar os sons da cidade, do campo, do bairro: Propor passeios em que, de posse de pequenos gravadores, ou celulares que tenham gravador, as crianças possam gravar os sons dos arredores da creche ou da pré-escola, do bairro, da cidade. De posse desse material é reconstruir esses espaços somente com os sons captados. Como é representar o local onde se vive somente com os sons? É possível reconstruí-lo sob esse aspecto? Fazer desenhos ou maquetes e colocar os sons captados. Criar espaços em que somente os sons estejam presentes e possam ser sentidos pelas crianças vendadas. Deixar o corpo interagir com os sons.

EXPOSIÇÕES INFANTIS: dentro e fora dos espaços escolares - As criações infantis há muito estão sendo expostas – em mostras culturais, datas comemorativas, fechamento de semestre letivo. É fundamental, contudo, refletirmos sobre as crianças e sua participação nesses eventos, como construtoras de culturas numa perspectiva que

procura evidenciar a produção cultural com a infância, que se faz presente em algumas iniciativas de exposições das criações infantis, em locais que não os escolares, tais como museus e outros lugares voltados para exposições culturais, as quais historicamente sempre privilegiaram as criações adultas legitimando-as e, com isso, estabelecendo uma hierarquia entre os agentes e entre as produções realizadas. Pretende-se com isso, abordar as criações realizadas pelos meninos e meninas e com eles e que não podem ficar restritas apenas a datas comemorativas – geralmente presentes em ambientes escolarizantes – timidamente encolhidas em um tempo restrito para observação e debates, ou mesmo, limitadas a um público familiar somente.

As cidades brasileiras como patrimônios culturais que se expressam em ambientes sócio-culturais diversos, podem tornar-se uma primeira preocupação quando pensamos em crianças nas cidades, de tamanhos e estilos diferentes, afinal, as crianças e suas diversas formas expressivas, teriam locais apropriados onde suas criações pudessem ser discutidas, visualizadas por todos que circulam na cidade, para além dos espaços escolares? Sem qualquer pretensão que resvale em espetacularização da infância e de suas criações, onde podemos encontrar as criações infantis que não nos espaços escolares e ainda assim, de formas às vezes, tão questionáveis, infantilizadas e infantilizadoras? Será que elas devem ficar condicionadas a esses espaços? Importa organizar espaços expositivos que, respeitosamente, considerem as importantes criações infantis entre as diferentes formas de expressões artísticas que se encontram espalhadas em espaços públicos abertos, em paredes e muros dos bairros e das cidades que podem ser observados por todos que circulam pelas ruas.

É importante ressaltar que não se trata de propor uma substituição de produções, resultando em outras hierarquias de valores e concepções do que seja o belo e bom para ser apreciado. Aqui o objetivo, embora explicitado de modo breve, é levantar a questão de que a produção cultural das crianças, como sujeitos de direitos que são, passa pela esfera da política e, nesse caso em especial, pelas políticas públicas educacionais e culturais. O objetivo encontra-se também na afirmativa de lançar olhares para o que já vem sendo feito no Brasil e em demais países onde tais questões encontram-se mais presentes em profundos debates e práticas culturais nas cidades. Perceber tais relações – infâncias, políticas e produção cultural para infância e com a infância – é fundamental para prosseguirmos os debates sobre os direitos de todos desde que nascem. Criar espaços em que o toque, as sensações táteis, olfativas, auditivas, visuais e do paladar estejam presentes provocando descobertas evidenciando não apenas os resultados, mas o processo de criação é de responsabilidade dos adultos. Seu lugar é também o de criar ambientes ricos e provocantes que ofereçam informações visuais, que podem ser referentes a diversos assuntos que se deseja explorar.

Um aspecto a ser avaliado é considerar a importância de expor as criações infantis de maneira cotidiana dentro e fora dos muros da creche e da pré-escola. Essa prática colabora para a construção do sentido de pertencimento destes meninos e meninas ao espaço vivenciado todos os dias por eles num processo de apropriação desse espaço. O próprio ato de expor o que fora realizado contribui para a documentação de percursos criativos individuais e coletivos realizados pelas crianças e também pelas/os adultas/os que com elas trabalham e se dispõem a dialogar com todos que transitam por estes lugares garantindo a circulação de idéias sobre infância e sobre suas criações entre os adultos e destes com as crianças e entre elas independentemente da faixa etária. Na exposição podem-se aglutinar expressões das crianças, manifestações artísticas criadas em cumplicidade com a professora, bem como, os registros dos processos de criação das crianças e não apenas os resultados. Registros dos choros e sorrisos, conquistas e discussões, planejamentos e projetos. As exposições também documentam e, com isso,

apresentam aspectos da história do grupo formado por meninos e meninas e adultos docentes em participação conjunta, criativa e criadora, permitindo refletir sobre as relações e investigá-las tendo-as como mote para outras propostas e projetos futuros.

TEATRO: O teatro é um acontecimento de cultura, não se tratando de eventos esporádicos apenas, envolve ricos processos de criação de todos os envolvidos, diria ainda mais, daqueles que participam não somente da encenação, mas dos que assistem as peças, sejam quais forem e como acontecerem, independente de sua faixa etária. O diretor de teatro inglês, radicado na França, Peter Brook em seu livro *A Porta Aberta* afirma que podemos escolher qualquer espaço vazio e considerá-lo um palco, um homem, ou criança (diria eu) ao atravessar esse espaço e ser observado por outro, é suficiente para criar uma ação cênica. Nas palavras desse autor nós não precisamos ter um grande teatro para se fazer teatro, nós precisamos de espaços livres onde a ação cênica aconteça. Acredito que isso nos sirva como fonte inspiradora para pensarmos no teatro com crianças desde bem pequenas.

Fazer teatro para crianças pequenas, desde seu primeiro ano de vida, tanto no espaço teatral como na creche ou pré-escola, significa procurar constante e curiosamente sentir de forma visceral o público que lá se encontra. Pode-se perceber isso quando assistimos a peças teatrais e observamos seus enredos e propostas de participação ou não do público infantil envolvido. Público este que é capaz de deixar a peça sem que tenha chegado ao fim, chorar, ou mesmo rindo e curiosa invadir o espaço, até então, reconhecido como de ocupação somente de atores profissionais. Perceber o ritmo da respiração de medo ou alegria, os gestos que convocam ao adulto ou mostram-no dispensável, é fundamental, pois implica sabermos posteriormente não agredir as crianças com exigências que elas não podem cumprir, ou mesmo, esquecer que as falas, cenários, a sonoplastia e os enredos podem levá-las a ter curiosidade e participar constantemente.

Cabe-nos refletir sobre como as crianças podem construir um alfabeto teatral Frabetti, (texto no prelo), segundo o qual passam a conhecer e criar códigos, gestuais, vocabulários próprios cabendo aos adultos que valorizem experiências garantindo que as mesmas emergem entre as crianças de todas as idades. O teatro pode ser não apenas para a exibição de produtos finais, mas de contar contos que envolvem universos sensíveis e simbólicos que reúnem jogo e exploração com personagens, conflitos e soluções que podem ser realizados no tempo presente e não com a expectativa de encenação para os pais e demais familiares em datas festivas. São experimentos de dominação das realidades, de criação de outras, num jogo que é também social e contém elementos da vida vivida pelas crianças e o que estão em seu entorno.

É importante considerar que no teatro, quando se está com as crianças, que não se pode apreender tudo e que cada uma se encumbirá – dentro de seu repertório particular, das relações estabelecidas com familiares e colegas – de portar consigo o que mais chamou sua atenção, o que lhe marcou: luzes, frases, músicas, enredo, atuação dos atores, personagens, que tantas vezes nem chamaram a atenção de outras crianças ou daqueles que lhe acompanhavam, mas que passarão a compor as vidas desses meninos e meninas a partir de sua experiência com peças teatrais. Quando voltam para as creches ou pré-escolas, após assistirem peças de boa qualidade, realizadas por companhias teatrais respeitadas em relação à infância, vale lembrar que não se pode pensar nesse momento tão rico, como uma aula, nos moldes escolarizantes, sobre assuntos variados. As perguntas que advém devem manter a riqueza do espetáculo e não consistir em exercícios de fixação do conteúdo visto e ouvido, por via de perguntas,

cujas respostas não traduzem a inteireza da experiência. A oportunidade de conviver com a linguagem teatral, assistindo e brincando com ela e através dela, promovem o crescimento das crianças considerando invenção e imaginação, ao respeitar e provocar a apropriação de códigos complexos, de falas, de valores em âmbito físico, emocional, cultural. Para as adultas que se envolvem junto às crianças consistem em momentos enriquecidos nos quais a recuperação da fantasia e a nutrição da capacidade de encantar-se e criar outros modos de relacionar-se com a complexidade do mundo encontram-se ali presentes.

TEATRO E DANÇA

Os adultos podem tornar-se cúmplices das crianças no jogo teatral, não obrigatoriamente criar peças para elas, mas convidá-las a participar de movimentos e sensações de forma a superar barreiras verbais e formais que por vezes se interpõem entre adultos e crianças.

a) Organizar espaços: os espaços físicos podem ser transformados em ambientes propícios aos jogos teatrais. Colocando-se lenços de cores e tamanhos variados pendurados no teto se obtém uma floresta de tecidos dentro das quais as crianças podem passar ou criar situações diversas, bexigas, objetos sonoros, fantasias, máscaras podem contribuir com a ambientação de histórias criadas pelas crianças, sozinhas ou em colaboração com a professora. Com papéis celofane de cores variadas podem-se criar efeitos de luz, se tiver lanternas para colocar atrás das folhas, os efeitos ficam ainda melhores. Os cenários convidam a criar diferentes situações dramáticas.

b) Máscaras: em diferentes tamanhos as máscaras podem ser confeccionadas com sacos de papel, cartolina, papelão sendo cortadas com tesouras ou rasgadas e ornamentadas pelas crianças, podem ser somadas à criação de vestimentas criadas a partir de diversos tipos de papel ou mesmo restos de tecidos doados pelas costureiras locais. Elas também podem ser feitas com empapelamento, técnica usada para obtenção de máscaras mais duras com tempo maior de duração. Após a decisão coletiva sobre qual personagem ou temática a ser criada, coloca-se sobre um suporte plástico finas tiras de papel – jornal, revista em quadrinhos, papel higiênico – embebidas numa mistura de água com bastante cola branca, tira a tira, em camadas besuntadas, numa última colocar cola para garantir que fique bem homogênea a colagem. Deixar secar por um a dois dias. Pintar e ornamentar como quiser e usar nas brincadeiras criadas pelas crianças ou mesmo desenvolvidas previamente com adultos, com roteiros, personagens e cenários. Colocando-se sobre suportes resistentes podem tornar-se cabeças de bonecos com os quais também poderão brincar.

c) Bonecos: meias que não sejam mais utilizadas podem ser decoradas pelas crianças tornando-se fantoches, o mesmo pode ser feito com saquinhos de papel, potes plásticos, que ao ganharem tachinhas, botões, fitas, tecidos, lãs, criam vida quando utilizados como bonecos animados pelas crianças na composição de histórias e peças que elas próprias podem definir como serão.

DANÇA E MOVIMENTO: Ao se discutir sobre dança inevitavelmente se é levado a pensar sobre o corpo que dança, que se movimenta em ritmos sonoros ou não, seja por pessoas em diferentes faixas etárias. Quando a preocupação está voltada para a educação da primeira infância, não se pode negar que a dança na educação infantil esteve – e em alguns casos ainda está – voltada para a apresentação das crianças em datas comemorativas e que as mesmas caracterizavam-se pelo cerceamento dos gestos das crianças e seus desejos, numa expressão coreográfica limitadora e até disciplinadora de seus corpos, que ficam reduzidos à mera execução de algo pronto e acabado. Com

isso, quais os papéis da dança nas creches e pré-escolas? Quais os conceitos abordados ou mesmo qual a concepção de corpo que é considerada? Faz-se tais reflexões no interior desses espaços destinados às crianças de pouca idade antes de propormos que essa linguagem artística acompanha o cotidiano, para além das apresentações pontuais?

Antes de se pensar em danças no contexto pedagógico, é essencial preocupar-se com o que as crianças já sabem e consideram como dança. Hoje encontra-se uma profusão de programas televisivos onde a dança se faz presente cultivando práticas, valores, construindo conhecimentos sobre essa área. Ao mesmo tempo em que somos bombardeados por tais práticas corporais nos esquecemos de pesquisar ou mesmo valorizar outras formas de danças existentes no país, tais como aquelas presentes nos diferentes grupos indígenas, entre os quilombolas, como o coco de roda, maculelês, catopês, lundus, jongos fundamentais como manifestações culturais brasileiras.

Ainda com a preocupação voltada para a dança de modo geral, deve-se ficar atento para se perceber o que as crianças e os adultos já sabem. Para tanto pode-se organizar algumas perguntas que orientariam os docentes. Dança é coisa de mulher? Samba é só para negros? Balé é coisa de classes sociais mais abastadas economicamente? Num outro momento é fundamental preocupar-se com os corpos nos espaços: as salas frequentadas pelas crianças, as vezes ocupadas por cadeiras, mesas em modelo antecipatório da escolarização, permitem que a criança cresça se ocupando de todas as possibilidades de seus corpos? Quais as marcas deixadas nos corpos de meninos e meninas que tantas vezes descobrem o mundo sentadas em cadeiras por horas e horas diariamente? Marques (2003) sugere que as danças devem levar em conta a brincadeira, o improviso, a criação de formas, que compreendam a orientação da professora e o que as crianças trazem de seus universos sociais e familiares, de maneira que as crianças possam inventar e reinventar suas danças, seus movimentos, sem obrigatoriamente exibí-las em datas pré definidas e somente nelas. Há formas de sugerir às crianças que descubram danças em seu próprio corpo, organizando atividades cuja preocupação parta das questões e práticas: como dançam os pés? Quando movemos os cotovelos, o que acontece? Ao ouvirmos determinados ritmos, o que acontece com o corpo? Fica imóvel? Dança mais rápido ou vagarosamente? Há ritmos diversos que podemos conhecer? O corpo é duro, mole, flexível?

Considera-se assim que os meninos e meninas podem expressar-se a partir do repertório que é próprio de seu corpo – já que ele é também social e histórico – de suas vivências, de modo a criar coreografias próprias, referentes ao grupo de amigos ou a suas experiências particulares, conjugadas à apreciação de grupos locais, nas expressões de danças populares que possam contribuir para a percepção, recepção e construção da cultura brasileira.

O QUE LER? SUGESTÕES

Sugiro abaixo algumas leituras que contemplarão sua formação. A sugestão visa ampliar e cultivar olhares e práticas em diálogo com diferentes campos teóricos e seus estudiosos, privilegiando aqui livros de autores/as brasileiros e traduções.

AMARAL, Ana Maria. *Teatro de bonecos no Brasil*. São Paulo. Editora COM-ARTE.1994.

ANDRADE, Oswald. *Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade*. Editora Globo.São Paulo. 2000.

BRITO, Teca Alencar de. *Musica na educação infantil: propostas para a formação integral da criança*. São Paulo. Editora Peirópolis. 3ª edição 2003.

BROOK, Peter. *A porta aberta*. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira. 2005.

CAMPOS, Augusto de. *Não*. São Paulo. Editora Perspectiva. 2008.

BROSSA, Joan. *Poesia Vista*. Ateliê Editorial e Amauta Editorial. São Paulo. 2005.

DERDIK, Edith. *Disegno, disegnare, desenho*. São Paulo. Editora SESC. 2009.

_____. *Linhas de horizonte: por uma poética do ato criador*. São Paulo. Editora Escuta. 2001.

DUARTE JR. João Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. Curitiba. Criar Editora. 2001.

HOLM, Anna Marie. *Fazer e pensar arte*. Museu de Arte Moderna de São Paulo. 2005.

_____. *Baby Art*. Museu de Arte Moderna de São Paulo. 2007.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de e Sueli Amaral Mello. *Territórios da Infância: linguagens tempos e relações para uma pedagogia para as crianças pequenas*. Araraquara. Editora Junqueira & Marin. 2ª edição 2009.

FRABBETTI, Roberto. *A arte na formação de professores/ as de crianças de todas as idades: o teatro é um conto vivo*. In. *Revista Pro-Posições, Dossiê Arte, ciencias e infâncias. no prelo, para 2011*.

GERHEIN, Fernando. *Linguagens inventadas: palavra imagem objeto, formas de contágio*. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 2008.

GRUPIONI, Luis Donisete Benzi. *Arte indígena: referentes sociais e cosmológicos* In: *Índios do Brasil*. São Paulo: SMC, 1992.

JOORY, Paula e Thereza Falcão. *A história de um desenho*. Editora Aeroplano. Rio de Janeiro. 2004.

LEMINSKY, Paulo. *Distraídos venceremos*. São Paulo. Editora Brasiliense. 1987.

_____. *Matsuo Bashô*. São Paulo. Editora Brasiliense.

MARQUES, Isabel. *Dançando na escola*. São Paulo. Editora Cortez. 2003.

MATESCO, Viviane. *Corpo, imagem e representação*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora. 2010.

MELIN, Regina. *Perfomances nas artes visuais*. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 2008.

MUNARI, Bruno. *Das coisas nascem coisas*. Editora Martins Fontes.

PAES, José Paulo. *Poesia para crianças*. São Paulo: Editora Giordano, 1996.

_____. *Quem, eu? Um poeta como outro qualquer*. São Paulo. editora Atual. 1996.

REYNOLDS, Peter. *O ponto*. São Paulo. Editora Martins Fontes. 2005.

RICHTER, Sandra. *Criança e Pintura: ação e paixão do conhecer*. Porto Alegre. Editora Mediação. 2004.

RABITTI, Giordana. *Em busca da dimensão perdida*. São Paulo. Editora Artmed. 1999.

RODARI, Gianni. *Gramática da Fantasia*. São Paulo: Summus, 1982.

SARAMAGO, José. *A maior flor do mundo*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2001.

SAVARY, Olga. *O livro dos Hai-Kais*. Editora Massao Ohno. São Paulo. 1987.

VIDAL, Lux (org). *Grafismo Indígena: estudos de antropologia estética*. EDUSP e Studio Nobel editora. São Paulo. 1992

SITES:

Sugiro aqui alguns endereços eletrônicos onde encontrar obras e vida de artistas e algumas de suas produções, bem como alguns com sugestões de práticas pedagógicas.

WWW.museuvirtual.com.br

WWW.portorossi.art.com
WWW.gutolacaz.br
WWW.itaucultural.br
WWW.pinacoteca.org.br

Alguns museus e seus sites:

WWW.macvirtual.usp.br
WWW.masp.art.br
WWW.mam.org.br
WWW.mae.usp.br
WWW.museulasarsegall.org.br
WWW.mis.sp.gov.br
WWW.mamrio.org.br
WWW.mamam.art.br
WWW.mauac.art.br

CONSIDERAÇÕES, para continuar a conversa...

Este texto procurou conciliar algumas reflexões sobre as linguagens infantis, manifestações culturais de adultos e crianças e sugestões de atividades simples que podem ser desenvolvidas e recriadas no cotidiano de creches e pré-escolas. A preocupação encontra-se voltada para que, de posse deste texto, os temas, fontes e referências possam contribuir para a formação docente ao mesmo tempo em que instigue aos professores à contínua busca por caminhos diversos e interessantes pelos quais cada uma das profissionais nas creches e pré-escolas, em cada cidade, possa criar junto aos meninos e meninas com os quais constrói a educação infantil cotidianamente.

Refletir sobre os tempos da infância, sobre suas manifestações expressivas, suas capacidades, tantas vezes despercebidas pelos adultos, é o foco a partir do qual se possa construir uma educação de qualidade, igualitária e rica – pressupondo a riqueza das crianças e o direito a conhecer expressões artísticas de todo o mundo, estabelecer relações com arte e cultura sem ser somente consumidora e sim ser percebida como construtoras de culturas, frequentarem ambientes em que as manifestações culturais e artísticas possam estar presentes e ser usufruídas por todos.